

**ELEIÇÕES E BRANCA DE NEVE**

Aproxima-se o dia de apertar os botões da urna microondas. O advento da era da informação e das redes sociais propiciadas pela internet trouxe consigo inegáveis vantagens para conhecer melhor os candidatos. Mas também trouxe problemas, muitos novos e alguns velhos sem solução, a começar das mentiras propagadas aos borbotões. Por um lado, a rede nos permitiu reencontrar velhos e queridos amigos afastados pela passagem inexorável do tempo e pela mobilidade inevitável num país de dimensões continentais, por outro, precisamos aprender a lidar com a voz dada a milhões de imbecis ou odiadores profissionais (*os haters*) que despejam suas frustrações e delírios sobre todos que utilizamos estas ferramentas, além das decepções que nos trazem pessoas que cresceram conosco quando percebemos o tipo de gente em que se transformaram.

Eleições sempre foram momentos de crisperação, de embates, mas que ficavam no campo da disputa por projetos de país e de como fazer a vida melhor para todos. No entanto, o golpe midiático-parlamentar de 2016 retroalimentado pelas *fake news* divulgadas como se fossem a realidade, por ações de uma imprensa amarronzada em decadência e de um judiciário partidário fizeram emergir um estado de exceção onde o que vale para uns não vale para outros e mostraram quão frágil é a democracia entre nós.

A escola pública onde estudei (IETC) em Franca, palco de votações no dia das eleições, é um espaço reverenciado como de excelência pela minha geração, que mantém blogs com grupos de velhos estudantes lembrando coisas & coisas daqueles tempos idos. No entanto, quase sempre me surpreendo com o grau de deformidade da leitura que parte dos antigos colegas fazem daqueles anos em que lá estudamos, em plena ditadura. E não digo os fascistóides saudosos da ditadura, felizmente são poucos. Mas para a maioria, os professores mais reacionários e autoritários são lembrados com saudade, enquanto os outros são pouco citados. O passado é edulcorado, como se tivéssemos vivido um conto de fadas na adolescência.

Lembro nitidamente da fortíssima homofobia existente contra os “viados”, que apanhavam fisicamente até, e não me lembro de qualquer ação da escola contra isso. Lembro também que quase não havia negros naquela escola pública, era uma escola “branca”, excludente e exclusiva. Não tive nenhum colega negro durante o ginásio e o científico. As exceções ao apartheid que confirmavam a regra eram o que eram: exceções. O apelido dado nos corredores ao jovem aluno negro, um dos poucos que furaram a barreira da branquitude, não deixa dúvidas sobre o racismo não escrito que pairava ali: “Branca de Neve”. Sem contar o machismo que estava no ar. Não, não vivemos um conto de fadas.

Parte desses antigos colegas que enxergam hoje a escola em que estudaram nos anos 1960 como um modelo de qualidade e excelência a ser seguido são os mesmos que apóiam o “coiso” e o protofascismo desvelado em suas inomináveis atitudes, que são contra cotas, bolsa-família e qualquer política pública que minimamente reduza a tragédia da desigualdade social deste país injusto. Não quero isso para o Brasil e espero que desta vez respeitem o resultado das urnas. Assim, no próximo domingo votarei 13 de cabo a rabo. Estarei com Haddad 13, Marinho 13, Suplicy 131, Márcio Pochmann federal 1318 e Márcia Lia estadual 13113.

Mauro Ferreira é arquiteto